

BOROROS VÃO À LUTA

José Calixto de Alencar

(10/14)

C E D I - P. I. B.
DATA 19. 11. 92
COD. 500.00053

Se a nação brasileira, levada pelos seus líderes, se dispusesse a fazer, neste momento de crise, o que os índios Bororos, do Mato Grosso, fizeram durante a semana passada, isto é, "analisar nossos problemas", certamente chegaria a conclusões semelhantes as que aqueles índios chegaram depois de sua assembleia, a primeira depois de 82 anos, realizada na aldeia do Garças, que fica às margens do rio do mesmo nome, no município de General Carneiro, a 450 quilômetros de Cuiabá.

"Nós temos que formar nosso próprio governo, um governo indio, que defenda os nossos interesses" - proclama o capitão José Luís Quiareware, porta-voz do "movimento" que os Bororos pretendem desencadear, a partir de agora, contando, logicamente, "com o apoio e a ajuda dos nossos irmãos, os índios das outras tribos".

"Vai ser preciso, primeiramente, muita união", reconhece Quiareware. "Mas as coisas podem ficar mais fáceis se a gente se conhecer melhor e ajudar uns aos outros. Nós vamos conhecer o esquema do Irantre, do Bakairi, Paresi, Canoeiro.

Todos os outros índios. Eles também, da mesma forma, vão conhecer o esquema dos Bororos. Só assim nós podemos nos unir".

SEMENTE PLANTADA

União, por sinal, é a palavra mágica com a qual os Bororos pretendem começar a luta que eles acham que "vai levar algum tempo, um ano, dois anos ou mais". Nesse sentido, a assembleia dos Bororos, a primeira que eles realizam depois que foram contatados pelo branco, acusado de "desagregador e político" (política, para os Bo-

- 2 -

roros, significa desavença, intriga, desunião), representou um passo importantíssimo.

A assembleia, classificada pelo porta-voz dos Bororos como "uma sementinha plantada", começou, na verdade, com um atraso de três dias, durante os quais os Bororos ~~aproximaram~~ não perderam tempo, aproveitando-os com uma pesca coletiva na terça-feira e uma animada partida de futebol entre visitantes e os anfitriões na quarta-feira, que, depois de 180 minutos de jogo cedo e à tarde, terminou empatada em 3 x 3.

As noites enluaradas, já que os Bororos levaram em conta o período de lua cheia para marcar a sua assembleia, não só as três primeiras como todas as outras, foram consumidas agradavelmente em alegres bate-papos ao redor da fogueira, nas cerimônias de confraternização e cantos de regozijo e saudação às almas. Tudo como antigamente.

O atraso de três dias ~~fixou~~ para início dos debates das candentes questões acumuladas pelos Bororos ao longo desses 82 anos de contato com a chamada civilização; foi motivado por problemas de locomoção, falta de aviso prévio e falta de dinheiro para a viagem. Tanto que, sensibilizados com esses problemas, os Bororos de Meruri, que, por serem assistidos diretamente pelos missionários salesianos, gozam de melhor situação em relação às outras tribos, com máquina de beneficiar arroz, serraria, caminhões, tratores, assistência do Funrural e até casas de alvenaria, que substituem as antigas casas de palha, decidiram buscar os representantes de Córrego Grande e Tadarimana.

Depois de viajarem dois dias e meio, os três motoristas Bororos retornaram felizes na quinta-feira pela manhã à aldeia do Garças, trazendo cerca de 100 Bororos que se juntaram aos 400, aproximadamente, que esperavam ansiosamente os representantes das demais aldeias. Além de Meruri e Garças, estas duas separadas apenas por 20 quilômetros, existem mais sete aldeias espalhadas do Garças ao Pantanal: Ferigara, Colônia, Paraíso, Tadarimana, Córrego Grande, Piebagá e Jarudori. Só Paraíso, onde atualmente não reside nenhuma família, e Colônia, cujos líderes não foram avisados à tempo, não enviaram representantes.

PROBLEMAS

Conforme manda a tradição borora, a assembleia foi realizada no "Baito" - um barracão de palha, uma espécie de centro comunitário onde os Bororos fazem todas as

- 3 -

cerimônias religiosas e sociais. Foi exatamente por conservar no centro da aldeia o "Paitó", que se presta a múltiplas finalidades, que Garças, com considerada "mais autêntica" pelos organizadores do encontro e que, além disso, fica um pouco mais longe da Missão Salesiana, teve a preferência sobre a aldeia de Meruri, tida como "muito civilizada".

Como manda também a tradição, os caciques expuseram ^{os} problemas e dificuldades de suas respectivas comunidades, deixando o último dia com a palavra livre para os demais membros da comunidade ou mesmo para os Bakairi que enviaram sete observadores, pois eles também pretendem organizar um encontro semelhante para o próximo ano. Cada chefe indígena apresentou seus problemas peculiares.

Henrique Atroagare, de Tadarimana, explicou que o problema de sua aldeia se resume na presença do chefe do posto, um funcionário da Funai, que é acusado de desvio de verbas, roubo e de provocar intrigas, tendo inclusive expulso o cacique de Jarudori, José Luis Quiareware, quebrando uma tradição que permite ao Bororo ficar quanto tempo quiser em outra aldeia que não a sua, na casa de parentes;

Vander Maridogaro e Salu, dos quais partiu a ideia de realização da assembleia, denunciaram "o total abandono por parte da Funai e o descaso com que são tratadas suas reivindicações na demarcação da reserva de Perigara".

Maurílio Taribogo, recentemente eleito cacique da aldeia anfitriã, através de eleição direta na qual concorreram quatro candidatos, explicou que a aldeia do Garças é uma das que têm menos problemas, a não ser com a quebra da tradição e a perda de identidade que o povo Bororo experimenta "por causa do contato com o branco que quer impor seu sistema de vida". Tanto que eles hoje, para sobreviverem, acabaram adotando a pecuária e agricultura mecanizada, já que não existe mais caça e pesca e porque "até nossos rios estão secando".

Aneldino Kugochrew, cacique de Meruri, denunciou, por sua vez, a ameaça da prefeita de General Carneiro, Laudelina Ferreira, de mandar jogar bomba sobre Meruri. A situação é tensa porque Laudelina é uma das proprietárias que se considera injustiçada nos incidentes que, em 1976, envolveram os Bororós de Meruri e fazendeiros de General Carneiro e Barra do Garças, quando foram mortos o padre Rodolfo Luhnenbein, o índio Simão e o filho de um fazendeiro.

A situação mais dramática, no entanto, foi apresentada pelos caciques de Jaru-

dori e Paraiso, José Luis Quiareware e João Bosco, respectivamente, cujas terras foram completamente tomadas. Na área onde estão localizadas as aldeias, chegaram a existir 16 aldeias. Hoje restam ~~xxxxxx~~ duas apenas e, assim mesmo, totalmente invadidas por mais de três mil colonos e fazendeiros. O capitão Quiareware, cuja família era a última a resistir em Jarúdori, foi expulso recentemente pela Polícia Civil de Poxoréo que foi em sua casa, prendeu o cacique, sua mulher e três filhos menores.

SEM TUTELA

Diante de todos esses problemas e do fato de que o contato com o branco serviu para desagregar os Bororós, tanto que ficaram exatamente 82 anos sem se reunir como faziam antigamente, conforme expôs Quiareware que, após a sua expulsão da aldeia, tomou a "cabeceira" do movimento bororo, como um dos principais articuladores, os Bororós tomaram uma decisão histórica: enviar um documento esta semana ao presidente da Funai, oficializando o rompimento definitivo com o "órgão tutor e o fim dessa tutela.

"De funai já estamos esperientes e cansados. Índio subordinado à Funai, fica debaixo dos pés como crianças. Tem muito índio que está enxergando isso e eu acredito que quando chegar o ponto dos indios conhecerem tudo isso, nos vamos caminhar para nossa integração como nação, pelo nosso próprio sistema. O sistema do branco quer é ~~xxx~~ a escravidão dos índios. Nós sabemos que vem muito dinheiro, inclusive lá de fora, para os índios do Brasil. Vêm 10, 20 bi, mas só uma parte chega pra gente. E o resto do dinheiro pra onde vai?"

"Então - prossegue Quiareware - , como enfrentar isso? Primeiramente, com a união de todos os índios. O nosso melhoreamento virá quando um se dispor a ajudar uns aos outros nas aldeias. Só devemos confiar em nossos braços e em nossos interesses. Nós não estamos acreditando mais ~~xxx~~ no governo. Nós temos que formar nosso governo índio, o nosso governo Bororo, nosso defensor Bororo, ou que seja Bakairi, Xavante, Khambiquara, Terena ou de qualquer outra nação. Então temos que ~~xxxxxx~~ lutar por ~~xi~~ isso. Um irmão morre pelo irmão. Branco nenhum vai fazer isso por nós".

Além do desejo de união, sacramentada entre os Bororós com a assembleia ~~xxxx~~ que se encerra neste ~~domingo~~ fim de semana, com um jogo de desempate, em Meruri, os Bororós tomaram duas outras decisões importantes: lutar pela retomada já das

- 5 -

terras vendidas ou invadidas (Jarudori, Paraíso e Córrego Grande) e pela substituição de chefes de posto, atendentes de saúde, professores, funcionários e até delegados e o presidente da Funai, por elementos indígenas, "porque ~~xxxx~~ hoje ~~tais~~ já tem muito índio preparado para exercer estas funções".

"Afinal, o que significa Funai?" - pergunta o porta-voz dos Bororos. "Fundação Nacional do Índio" - ele mesmo responde. "Então, somos nós" - conclui.

A assembleia dos bororos foi realizada do dia 15 a 20 de agosto do corrente.